



 <https://doi.org/10.59776/2357-8203.2026.7780>

A COMIDA COMO METÁFORA ALIMENTAR PARA ANÁLISE SEMÂNTICO-DISCURSIVA NO CONTO AVE DE PARAÍSO, DE NÉLIDA PIÑON

FOOD AS A METAPHOR FOR SEMANTIC-DISCURSIVE ANALYSIS IN THE SHORT STORY AVE DE PARAÍSO, BY NÉLIDA PIÑON

Eduarda Alves de Oliveira Paula¹
<https://orcid.org/0000-0002-7576-6348>
Verônica Palmira Salme de Aragão²
<https://orcid.org/0000-0003-2250-8051>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo explorar a metáfora alimentar como recurso discursivo na composição de subjetividades no conto *Ave de Paraíso*, de Nélida Piñon (2022). Parte-se da premissa de que as metáforas, ao ressignificarem elementos cotidianos como a alimentação, podem revelar dimensões simbólicas do desejo, do afeto e das relações de gênero. No conto, a torta de chocolate ocupa posição central na dinâmica entre os protagonistas, adquirindo diferentes significados ao longo da narrativa. Propõe-se, ainda, a: (I) analisar os sentidos atribuídos à torta de chocolate como marcador simbólico da relação do casal; (II) examinar como a metáfora alimentar estrutura discursos sobre gênero, evidenciando tensões entre desejo e submissão; e (III) interpretar como essa metáfora constrói concepções do papel feminino no espaço conjugal, associando comida, cuidado e dever. A fundamentação teórica baseia-se em Ferrari (2011), Moura e Zanotto (2009), que discutem a construção da metáfora e sua indeterminação semântica; e em Barcellos (2017), que reflete sobre o alimento como campo simbólico e imaginativo. Quanto às discussões em torno das relações de gênero presentes na narrativa, recorre-se às contribuições de Biroli (2014) e Saffioti (1987). A pesquisa, de caráter bibliográfico e fundamentada em leitura analítica, demonstra que a metáfora alimentar transcende

¹ Graduada em Letras Português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8541382623849166>. E-mail: eduardaopaula@gmail.com

² Mestra em Língua portuguesa pela Universidade Federal Fluminense (2006) e doutora em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013). É professora adjunta IV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e, atualmente, coordena o Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, da UERN, além de integrar o PROFLETRAS da mesma Universidade. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9361633594985944>. E-mail: veronicasalme@uern.br

sua função material, revelando subjetividades e relações de gênero. Ao representar amor, ritual e submissão, o alimento se converte em linguagem simbólica das relações afetivas, promovendo uma reflexão crítica sobre os discursos de gênero que sustentam as estruturas privadas.

Palavras-chave: metáfora alimentar; significados; subjetividades; relações de gênero.

This article aims to explore the food metaphor as a discursive resource in the composition of subjectivities in the short story *Ave de Paraíso*, by Nélide Piñon (2022). It is based on the premise that metaphors, by resignifying everyday elements such as food, can reveal symbolic dimensions of desire, affection, and gender relations. In the story, the chocolate cake holds a central position in the dynamic between the protagonists, acquiring different meanings throughout the narrative. The study proposes to: (I) analyze the meanings attributed to the chocolate cake as a symbolic marker of the couple's relationship; (II) examine how the food metaphor structures discourses on gender, highlighting tensions between desire and submission; and (III) interpret how this metaphor shapes conceptions of the female role in the conjugal space, associating food, care, and duty. The theoretical framework is based on Ferrari (2011), Moura and Zanotto (2009), who discuss the construction of metaphor and its semantic indeterminacy; and Barcellos (2017), who reflects on food as a symbolic and imaginative field. Regarding gender relations in the narrative, the article draws on the contributions of Biroli (2014) and Saffioti (1987). This bibliographic research, grounded in analytical reading, demonstrates that the food metaphor transcends its material function, revealing subjectivities and gender relations. By representing love, ritual, and submission, food becomes a symbolic language of affective relationships, fostering a critical reflection on gender discourses that sustain private structures.

Keywords: food metaphor; meanings; subjectivities; gender relations.

1 INTRODUÇÃO

A temática alimentar constitui um caminho vasto para estudos em diferentes áreas do conhecimento, especialmente quando envolve não apenas o ato de alimentar-se, mas todo o processo simbólico e social que gira em torno dessa ação cotidiana. Por estar tão intrinsecamente ligada à vida humana, a comida configura-se como um objeto de estudo capaz de pensar a vida social e privada em todas as suas camadas e contradições. Essa perspectiva é particularmente relevante para a compreensão da comida tanto em sua materialidade – enquanto elemento essencial à sobrevivência – quanto em sua representação metafórica, atuando como um dispositivo discursivo que comunica valores culturais, relações de gênero, estruturas sociais, bem como afetos e desejos.

O campo metafórico é o lugar onde a comida deixa de ser pensada somente em sua função fisiológica e passa a ser imaginada como parte de uma complexa rede de significados, arraigados no consciente e no inconsciente dos indivíduos. De acordo com Woortmann (2013, p. 6), “nas mais diferentes sociedades, os alimentos são não apenas comidos, mas também pensados; quer dizer, a comida possui um significado simbólico – ela expressa algo mais que os nutrientes que a compõem”. Por esse viés, pode-se dizer que as metáforas alimentares favorecem a representação de emoções, valores e experiências subjetivas que extrapolam o plano concreto do alimento.

Essas metáforas organizam e estruturam o pensamento e estão constantemente presentes no cotidiano. Nesse sentido, Ferrari (2011) aponta que a metáfora, antes vista como um recurso prioritário da linguagem literária, passou a ser compreendida como um mecanismo essencial no uso corriqueiro da linguagem, revelando sua importância para a construção simbólica de significados nas práticas discursivas do dia a dia.

Tal perspectiva contribui para compreender como elementos do cotidiano, como a comida, adquirem novos sentidos quando inseridos em contextos metafóricos. No caso especial das metáforas alimentares, esses sentidos se revelam não somente como uma forma criativa de nomear algo que a linguagem literal não consegue abarcar, mas de criar realidades, organizar visões de mundo e conceber ideias sobre afetos e papéis sociais, como ocorre quando um alimento representa o amor, o cuidado, o prazer ou a submissão.

Quando se trata da relação entre alimentos e gênero, por exemplo, torna-se imperativo refletir sobre os papéis sociais ocupados por homens e mulheres, com especial atenção à posição atribuída às mulheres nesses contextos. Tal reflexão se faz relevante na medida em que, cultural e socialmente, a mulher passa a incorporar múltiplos significados no campo da alimentação, sendo a figura da “dona de casa” uma das mais recorrentes e exploradas.

Atribui-se à mulher, historicamente, a responsabilidade pela cozinha e pelo núcleo familiar, o que reforça a associação entre o espaço doméstico e a feminilidade. Sobre essa construção social, a autora Saffioti (1987) observa que a sociedade investe na naturalização da presença feminina dentro do lar, sustentando a ideia de que esse papel decorre da sua capacidade de ser mãe. Além disso, tal imagem também está ancorada em atributos como cuidado, afeto, dedicação e responsabilidade pelos filhos, valores que legitimam a função da mulher como guardiã do espaço doméstico.

Esse imaginário social, que associa a mulher ao cuidado e à responsabilidade pelo preparo dos alimentos, contribui para a construção e manutenção de discursos simbólicos nos quais a comida deixa de ser apenas objeto de nutrição e passa a operar como metáfora das relações afetivas e de gênero. Ao assumir a centralidade da mulher nos processos alimentares, muitas narrativas literárias, por exemplo, recorrem à metáfora alimentar como forma de expressar emoções, conflitos e tensões que atravessam o espaço privado, como o casamento, e revelam desigualdades estruturais marcadas por relações de gênero.

Tal é o caso das narrativas da autora Nélide Piñon. Suas obras frequentemente colocam em cena protagonistas femininas atravessadas por afetos, desejos e silenciamentos, situadas em contextos marcados por relações desiguais de gênero. Esses conflitos, muitas vezes, são simbolizados por elementos do cotidiano, como o alimento, que adquire função discursiva e simbólica na construção das subjetividades. Esse é o caso do conto *Ave de Paraíso*, *corpus* desta pesquisa,

no qual a metáfora alimentar emerge como um dispositivo expressivo das dinâmicas afetivas e de gênero entre as personagens, sobretudo por meio da figura simbólica da torta de chocolate.

Com base nessas reflexões, o presente artigo tem como objetivo explorar a metáfora alimentar como recurso discursivo na composição de subjetividades no conto *Ave de Paraíso*, de Nélida Piñon (2022). Parte-se da premissa de que a metáfora, enquanto recurso semântico-discursivo comumente utilizado no cotidiano para expressar conceitos abstratos, emoções e interpretações simbólicas, pode se configurar como um dispositivo de análise para a investigação de aspectos como desejo, afeto e relações de gênero. Diante disso, este estudo propõe: (I) analisar os significados atribuídos à torta de chocolate como um marcador simbólico da relação; (II) examinar como a metáfora alimentar estrutura discursos sobre gênero, evidenciando as tensões entre desejo e submissão; e (III) interpretar como essa metáfora constrói concepções sobre o papel feminino no espaço conjugal, associando comida, cuidado e dever.

Quanto aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa é de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa. Por meio de uma leitura crítico-analítica do conto, pretende-se selecionar e examinar trechos em que os alimentos não apenas compõem o cenário narrativo, mas assumem papel central na dinâmica entre as personagens.

O interesse recai, portanto, sobre a metáfora alimentar no contexto da narrativa e os discursos que emergem a partir dos seus múltiplos sentidos. Para isso, a estrutura do artigo foi organizada nos seguintes tópicos: 2 Metáfora e sua indeterminação semântica e 3 Alimentação e relações de gênero, que compõem a fundamentação teórica da pesquisa; e 4 Torta de chocolate: metáfora da submissão em *Ave de Paraíso*, correspondente à análise interpretativa. A conclusão está apresentada no tópico 5 seguida das referências no 6.

2 METÁFORA E SUA INDETERMINAÇÃO SEMÂNTICA

Os estudos sobre a metáfora sofreram transformações significativas ao longo dos anos, sobretudo no modo como pesquisadores passaram a encarar sua função e seus sentidos. Durante muito tempo, a concepção predominante compreendia a metáfora como um recurso meramente figurativo, restrito aos campos da linguagem literária ou poética (Cançado, 2008). Essa perspectiva tradicional começou a ser contestada a partir da década de 1980, com a publicação da obra *Metaphors We Live By*, de George Lakoff e Mark Johnson (1980). Esse trabalho marcou uma virada teórica ao apresentar a Teoria da Metáfora Conceptual, que oferece uma série de indícios de que os processos metafóricos são corriqueiros não somente na linguagem, mas no pensamento e na ação (Ferrari, 2011).

Com base nessa concepção, as metáforas deixam de ser apenas ornamentos linguísticos e passam a ser compreendidas como estruturas cognitivas fundamentais, responsáveis por organizar e categorizar a experiência humana. Nesse sentido, Ferrari (2011) observa que a metáfora está diretamente relacionada à ideia de perspectiva, uma vez que diferentes formas de compreender determinados fenômenos derivam das metáforas que utilizamos para representá-los. Por exemplo, é possível tratar metaforicamente do conceito de afeto por temperatura: *Ela é uma pessoa fria/ ela é uma pessoa calorosa*.

Desse modo, quando se escolhe determinada metáfora para falar sobre um tema, escolhe-se também uma forma específica de enxergar, de moldar seu sentido e de interagir com ele discursivamente. Assim, a metáfora não apenas nomeia ou substitui palavras, mas direciona o olhar do sujeito para determinadas interpretações possíveis, estruturando formas de ver, sentir e agir no mundo.

Nessa conjuntura, Ferrari (2011) esclarece que a metáfora pode ser compreendida como um mecanismo conceitual por meio do qual um determinado campo de experiência é interpretado em termos de outro. Isso se dá por meio da relação entre dois domínios: o domínio-fonte, geralmente mais concreto e ligado às experiências físicas ou sensoriais, e o domínio-alvo, mais abstrato, que é estruturado cognitivamente a partir do primeiro. Essa associação entre domínios, conceito central na teoria da metáfora conceptual, aponta para o caráter sistemático das metáforas e seu papel organizador no pensamento humano.

Dessa maneira, a metáfora conceptual atua como um elo entre a experiência concreta e a abstração, permitindo que ideias complexas, sejam compreendidas por meio de noções mais familiares e sensíveis à experiência corporal. Tal abordagem amplia o entendimento da metáfora para além do plano estilístico, revelando sua função estruturante na construção do sentido e na mediação das formas como os sujeitos experienciam, comunicam e significam o mundo.

Embora a abordagem da metáfora conceptual tenha ampliado significativamente a compreensão sobre a sua função no cotidiano, evidenciando a sua relevância no processamento cognitivo humano, alguns estudiosos, como Moura e Zanotto (2009), chamam atenção para alguns aspectos que extrapolam essa sistematicidade. Os autores observam que, nesses estudos sobre a metáfora, a ênfase recai, sobretudo, no modo como a metáfora transmite conteúdo cognitivo, deixando em segundo plano a explicação de como um mesmo enunciado metafórico pode gerar múltiplas interpretações. Nessa ótica, eles argumentam que o interesse teórico, ao se concentrar na capacidade da metáfora de criar e transmitir significados, acaba por desconsiderar a sua natureza ambígua e indeterminada, que são características fundamentais do uso metafórico da linguagem.

A indeterminação abrange os casos em que o sentido não está claramente definido ou fixado, manifestando-se em categorias como a polissemia, a ambiguidade, a vagueza e, de modo particular, na metáfora (Moura; Zanotto, 2009). Nessas ocorrências, o enunciado pode comportar mais de uma interpretação possível, a depender do contexto, da experiência do sujeito e das relações estabelecidas no interior do discurso. No caso da metáfora, a indeterminação não é apenas um efeito colateral, mas uma característica constitutiva do próprio funcionamento metafórico. Como destacam Moura e Zanotto (2009), o sentido metafórico herda a indeterminação do sentido literal do domínio-fonte, sendo precisamente essa abertura interpretativa que permite à metáfora desempenhar um papel tão relevante na construção de significados simbólicos.

Assim, ao destacar esses aspectos que caracterizam a metáfora, Moura e Zanotto (2009) ampliam a compreensão sobre sua complexidade, propondo uma abordagem que valoriza não apenas a estrutura cognitiva das metáforas, mas também os efeitos de sentido que emergem do contexto, da subjetividade do intérprete e das múltiplas possibilidades de leitura que a linguagem metafórica pode provocar.

Essa perspectiva é particularmente interessante ao se trabalhar a metáfora em textos literários, uma vez que os discursos literários tendem a intensificar os efeitos da indeterminação semântica. Na literatura, um enunciado não busca

necessariamente comunicar de forma direta, mas provocar múltiplas interpretações, estimular a imaginação do leitor e articular camadas de sentido que se desdobram a partir do contexto estético, cultural e subjetivo.

Por esse ângulo, é possível dizer que a metáfora não se restringe apenas à relação entre domínios, como propõe a metáfora conceptual, mas se configura como um espaço onde a ambiguidade se estabelece de maneira produtiva, criando uma zona de tensão entre o dito e o não dito, o previsível e o enigmático, o literal e o simbólico. Dessa forma, compreender a metáfora como uma instância de indeterminação torna-se essencial para abordar sua potência expressiva na ficção, onde os significados não são fixos e determinados, mas flutuam entre intenções narrativas, contextos socioculturais e os discursos que emergem dessas relações no texto literário.

Portanto, a escolha teórica que orienta este estudo fundamenta-se na articulação entre a Teoria da Metáfora Conceptual, proposta por Lakoff e Johnson (1980, *apud* Ferrari, 2011) e os pressupostos da indeterminação semântica discutidos por Moura e Zanotto (2009). Juntas, essas duas perspectivas ampliam a compreensão da metáfora como recurso construtor e organizador do pensamento e da experiência humana, bem como revelam as múltiplas camadas de sentidos que se ativam graças à abertura interpretativa própria do discurso metafórico, especialmente no texto literário, onde a linguagem se faz espaço de tensão, polissemia e criação de subjetividades.

Esse ponto revela-se profícuo quando pensamos na metáfora alimentar, uma vez que a comida transita em uma infinidade de textos literários, não apenas como um elemento ornamental, mas como uma representação simbólica carregada de sentidos diversos. Dessa forma, a metáfora alimentar permite a reflexão sobre aspectos da vida em ambientes públicos e privados, bem como representar as dinâmicas das relações de gênero, afeto, desejo, submissão e transgressão que permeiam as relações humanas.

Quando inseridos em discursos literários, os alimentos se descolam de sua função nutritiva e passam a operar como signos abertos à interpretação, reforçando o caráter indeterminado da metáfora e sua capacidade de evocar múltiplos sentidos, muitos dos quais perpassam questões sociais, culturais, históricas e, é claro, de gênero. Nesse sentido, compreender a metáfora alimentar como um dispositivo semântico-discursivo nos permite não apenas acessar camadas simbólicas da experiência feminina, mas também refletir criticamente sobre as estruturas sociais que se impõem ao corpo, ao desejo e à subjetividade das personagens.

3 ALIMENTAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO

Pensar as relações de gênero a partir das metáforas alimentares implica adentrar em um complexo emaranhado de informações de ordem histórica, cultural e social. Esse entrelaçamento se evidencia, sobretudo, quando se reflete sobre os lugares e papéis sociais ocupados por homens e mulheres na sociedade brasileira. Mas, especificamente, de que maneira a comida pode servir como ponto de partida para refletir sobre essas posições sociais? E como é possível, a partir dela, pensar subjetivamente o lugar da mulher nesses contextos? Antes de responder a essas questões, é necessário compreender a centralidade da alimentação e o papel simbólico que ela desempenha nas relações sociais e culturais.

É impossível discutir as dimensões sociais, culturais e até mesmo políticas de uma sociedade sem considerar o campo da alimentação. Falar sobre a comida vai muito além de refletir sobre o que se come, como se prepara ou de que forma se alimenta, mas trata-se de compreender uma rede de processos simbólicos que se instauram antes mesmo do alimento chegar à boca, e que continuam mesmo após sua ingestão. Como observa Barcellos (2017, p. 9), “comer é um ato fisiológico, antropológico e cultural, mas é também emocional e simbólico”. Nessa perspectiva, a alimentação transforma-se em um ingrediente indispensável para investigar as formas como o indivíduo se relaciona consigo mesmo, com o outro e com o mundo ao seu redor.

O antropólogo Claude Lévi-Strauss foi um dos primeiros estudiosos a evidenciar o potencial simbólico da comida na vida social. Em sua obra *O Cru e o Cozido* (2004), o autor observa que a culinária funciona como um verdadeiro código de linguagem, através do qual se manifestam valores, crenças e estruturas sociais. Para Lévi-Strauss, os modos de preparar e consumir os alimentos não dizem respeito apenas à sobrevivência, mas à maneira como os indivíduos organizam o mundo e atribuem sentido às suas práticas sociais. Assim, o ato de se alimentar deve ser compreendido como um fenômeno social que molda os sujeitos, incorporando múltiplas dimensões da experiência humana, tais como culturais, afetivas, simbólicas e identitárias (Maciel; Castro, 2013).

Nessa lógica, é indiscutível o poder da alimentação como portadora de saberes e significados na vida em sociedade. Essa fonte de conhecimento tem a ver com a sua capacidade de participar de praticamente todos os momentos do cotidiano, transcendendo o seu papel nutricional, e convertendo-se em um elemento simbólico fundamental nas relações humanas. Por isso, a comida torna-se não apenas um ato vital, mas também um dispositivo de leitura das estruturas sociais e dos lugares que homens e mulheres ocupam dentro delas.

As reflexões desenvolvidas até aqui demonstram a forte imbricação entre comida, cultura e sociedade, apontando para a necessidade de pensar simbolicamente esses vínculos no campo das experiências e subjetividades, sobretudo no que diz respeito à mulher. Tal perspectiva se torna ainda mais urgente se considerarmos, como afirmam Ferreira e Wayne (2018, p. 1), que “a cozinha sempre foi um espaço feminino. As mulheres, historicamente, foram condicionadas às tarefas domésticas e dominar a culinária era uma delas”.

A partir dessa constatação, evidencia-se que o espaço da cozinha, e, por extensão, a casa e a responsabilidade pela própria alimentação, opera como um território simbólico em que se materializam discursos de gênero, afetos, desejos e papéis sociais. Analisar criticamente a alimentação como signo dessas relações permite, portanto, desnudar as formas sutis (e nem sempre percebidas) de manutenção de desigualdades de gênero. Por esse viés, ainda que tais camadas simbólicas nem sempre favoreçam as mulheres, não se pode obliterar a reinscrição da experiência feminina nesses espaços historicamente delimitados. Afinal, “através da culinária as mulheres dominaram a estrutura alimentar doméstica e, o que muitas vezes foi ferramenta opressora, envolvendo questões de gênero, classe e raça, pode tomar contornos de poder” (Ferreira; Wayne, 2018, p. 12).

No tocante aos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres na sociedade brasileira, Saffioti (1987) observa que a sociedade delimita com precisão os campos de atuação reservados às mulheres, da mesma forma que define as esferas de atuação destinadas aos homens. Em decorrência dessa divisão social do trabalho, as identidades sociais de ambos os sexos são construídas a partir das funções que

lhes são atribuídas, funções essas determinadas pela categoria de sexo. Com base nessa ideia, é possível perceber que as funções associadas ao espaço doméstico foram historicamente delegadas às mulheres. Mesmo quando elas exercem atividades profissionais fora do lar, essa condição não as isenta da responsabilidade pelo cuidado da casa, do marido e dos filhos.

A autora Biroli (2014) reforça essa percepção ao discutir a separação entre as esferas pública e privada, destacando como a construção social dos papéis de gênero está profundamente ancorada nessa divisão. Conforme observa Biroli, na modernidade, a esfera pública passou a ser associada à razão, à impessoalidade e aos princípios universais, enquanto à esfera privada foram relegadas as relações pessoais, íntimas e concretas da vida cotidiana, geralmente associada às mulheres. Nessa configuração, papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres, como a dedicação à vida doméstica e ao cuidado com os familiares, foram naturalizados como características intrínsecas do feminino, servindo de parâmetro para julgar desvios e comportamentos socialmente esperados.

Esse processo não apenas delimitou os espaços de atuação feminina, mas também regulou suas emoções, afetos e desejos. Por isso, analisar as formas como o amor e o cuidado foram discursivamente construídos como categorias intrinsecamente femininas torna-se fundamental para compreender como tais valores moldaram social e subjetivamente as experiências femininas. Como apontam Ferreira, Silva e Ficher (2024), refletir sobre o amor como uma categoria é essencial para compreender os discursos que, ao longo da história, colocaram as mulheres em posições condicionadas, inclusive no campo de suas emoções e subjetividades.

Essa linha de raciocínio revela-se particularmente pertinente quando se adentra ao campo da alimentação, uma vez que a noção de cuidado e afeto está intimamente associada à comida e, sobretudo, à figura de quem, tradicionalmente, é responsável por seu preparo. Sob essa perspectiva, o antropólogo DaMatta (1986) observa que a sociedade se expressa por meio de diversos espelhos e idiomas, sendo a comida, especialmente no contexto brasileiro, um dos mais significativos.

Ainda segundo o autor, esse código alimentar carrega implicações morais que colaboram para definir papéis sociais, sobretudo os da mulher e do feminino, muitas vezes no seu sentido mais tradicional. Dessa forma, tanto os alimentos quanto as figuras femininas tornam-se representações simbólicas da própria estrutura social, revelando aspectos tão relevantes quanto os da política, da economia, das relações familiares e das dimensões espaço-temporais, incluindo suas tensões e contradições.

Cabe destacar que o objetivo deste trabalho não é julgar tais condutas como certas ou erradas, mas refletir sobre como a comida pode funcionar como uma prática discursiva simbólica para a análise dessas subjetividades. Nesse sentido, a representação dos alimentos constitui um caminho fértil para se pensar, de forma subjetiva, os papéis sociais, os significados atribuídos à comida, bem como os afetos, desejos e dinâmicas conjugais implicados nessas práticas. O processo alimentar, nesse contexto, extrapola sua função nutricional e assume dimensões afetivas, emocionais, culturais e simbólicas, operando como um espaço no qual se projetam expectativas e comportamentos arraigados na sociedade.

Esse entendimento permite compreender práticas cotidianas, como o preparo de uma torta, como performances simbólicas de afetos e desigualdades historicamente enraizadas, sobretudo nas narrativas literárias que exploram o universo íntimo feminino. É a partir dessa tessitura simbólica entre comida, gênero e

subjetividades que se propõe, a seguir, a análise do conto *Ave de Paraíso*, de Nélida Piñon, no qual a metáfora alimentar revela nuances das relações afetivas, os desejos e as construções das personagens.

4 TORTA DE CHOCOLATE: METÁFORA DA SUBMISSÃO EM AVE DE PARAÍSO

O conto “Ave de Paraíso” abre a seção *Sala de Armas* na coletânea *Melhores contos Nélida Piñon* (2022), organizada por Miguel Sanches Neto. Por meio de uma escrita crua e impactante, Piñon constrói um retrato incisivo da sociedade brasileira da década de 1970, denunciando, com olhar crítico, a condição feminina naquele período. Seu estilo, embora formal e requintado, atua como um verdadeiro “soco no estômago”, desafiando o leitor e a leitora a ultrapassarem a superfície do texto para refletir sobre as relações afetivas e questionar as normas sociais que sustentam estruturas de gênero historicamente desiguais.

Nesse contexto, a alimentação, que ocupa lugar de destaque na narrativa, adquire uma função simbólica ao expressar conflitos subjetivos e sociais. Como observa Bona (2013, p. 197), “a alimentação, embora seja tida por muitos como uma prática não discursiva, em geral, é vista como uma ferramenta metafórica através da qual o sujeito escritor discursa sobre as relações sociais do contexto sócio-histórico-ideológico”, o que se evidencia na obra de Piñon, que transforma o processo alimentar em chave de leitura para tensões de ordem emocional, cultural e de gênero.

A narrativa é conduzida por um narrador onisciente em terceira pessoa, que demonstra pleno conhecimento sobre os eventos e os personagens. No entanto, longe de adotar uma postura neutra, esse narrador ou narradora assume um tom sutilmente irônico e crítico, revelando julgamentos implícitos e tensionando as ações e relações descritas ao longo do conto.

A partir dessa perspectiva onisciente, o narrador nos apresenta a rotina de um casal heterossexual e sua peculiar relação matrimonial. Desde cedo, a mulher nutria o sonho de se casar, sendo essa sua única ambição. Embora tenha concluído o ginásio, etapa que frequentemente encaminhava jovens mulheres para o magistério, ela nunca manifestou o desejo de lecionar, encontrando, em vez disso, encantamento pela cozinha. É nesse espaço que ela prepara as refeições e aguarda, de forma subserviente, a chegada do marido. Ele, por sua vez, não compartilha o mesmo lar com a mulher, limitando-se a visitá-la uma vez por semana. Ressalta-se ainda que o casal protagonista não é nominado em momento algum, o que pode significar uma estratégia da autora para generalizar as relações.

É nesse cenário que os alimentos parecem lançar informações não apenas sobre a dinâmica matrimonial, mas também sobre as subjetividades dos indivíduos. O conto inicia com a mesa posta – torta de chocolate, frutas e licor de pera – preparados pela protagonista, que aguardava ansiosa a chegada do seu marido:

Uma vez por semana visitava a mulher. Para exaltar-se, dizia comovido. Ela acreditava e o recebia com torta de chocolate e licor de pera, as frutas colhidas na horta [...] comia a torta e rejeitava o resto. Ainda que ela insistisse. É por cerimônia, ela pensava escondendo-se em sua sombra (Piñon, 2022, p. 97).

Nesse trecho, a comida funciona como uma extensão do corpo e dos sentimentos da personagem feminina, que deposita na preparação dos alimentos o desejo de agradar o seu marido. A torta de chocolate, o licor e as frutas não são

apenas oferendas materiais, mas expressões simbólicas de afeto, entrega e desejo. A escolha desses alimentos revela não só o empenho da mulher em nutrir a relação, mas também a tentativa de construir uma atmosfera de intimidade, encantamento e sensualidade.

Essa noção semântica é reforçada quando se observa a própria configuração da cena alimentar. Percebe-se que a seleção dos alimentos é bastante específica para construir um ambiente sensual e erótico. A mulher não oferece pratos salgados ou uma refeição convencional, mas apenas doces, como se dispensasse a refeição principal indo direto para a sobremesa, investindo, assim, no prazer carnal. Conforme aponta Barcellos (2017, p. 133) “a sobremesa é o momento mais sensual da refeição, e a ela pertence o doce, principalmente o doce [...] a sobremesa puxa pelo fundo mais irracional e pelo desejo puro, também desejo de pureza”.

A cena, aparentemente simples, ganha densidade interpretativa quando analisada à luz da Teoria da Metáfora Conceptual, proposta por Lakoff e Johnson (1980, *apud* Ferrari, 2011), segundo a qual as metáforas não são meros adornos poéticos, mas estruturas cognitivas que permitem compreender domínios abstratos a partir de experiências concretas. No fragmento, a torta de chocolate, elemento do cotidiano material, funciona como domínio-fonte que estrutura o domínio-alvo, ou seja, as emoções e dinâmicas conjugais vivenciadas pela protagonista. Ao preparar e oferecer a torta, a mulher projeta nela o desejo de ser amada, aceita e reconhecida, transformando o alimento em símbolo sensível da relação.

No entanto, o gesto do marido ao recusar parcialmente a comida oferecida, aceitando apenas a torta e rejeitando o restante, mesmo diante da insistência da mulher, evidencia um desequilíbrio afetivo que aponta para a assimetria emocional da relação. Ao desprezar o licor e as frutas colhidas por ela, ele revela não apenas desinteresse, mas uma recusa simbólica de tudo aquilo que exige tempo, constância e cuidado: o licor, que precisa amadurecer para atingir seu sabor pleno; as frutas, que demandam cultivo e atenção. Essa seleção não é casual, uma vez que revela a forma seletiva com que um certo padrão masculino se relaciona: ele não deseja o que requer envolvimento duradouro, mas apenas aquilo que pode ser consumido de maneira imediata.

Assim, a torta de chocolate torna-se símbolo do prazer efêmero, da satisfação sensual destituída de profundidade emocional. Nesse contexto, a metáfora alimentar evidencia o afeto e o desejo, mas também a dinâmica de um amor desigual: enquanto a mulher deseja oferecer mais – gesto simbolizado por sua insistência para que ele aceite os demais alimentos – o homem impõe limites ao que está disposto a receber. Dessa forma, ele consome apenas o afeto que lhe é conveniente, recusando aquilo que implicaria envolvimento, cuidado e reciprocidade, ou seja, aspectos essenciais para a construção de uma relação baseada na mutualidade.

Tal raciocínio converge com a noção proposta por Moura e Zanotto (2009), ao destacarem que a metáfora carrega também uma indeterminação semântica que permite múltiplas leituras: o mesmo doce que expressa entrega amorosa pode também representar submissão, apagamento de si e conformidade com uma estrutura afetiva desigual. Essa polissemia é intensificada no conto, que se vale da ambiguidade para revelar, com sutileza, os afetos não correspondidos, os gestos silenciosos e os conflitos internalizados. Nesse sentido, a torta de chocolate não possui um único significado estático, mas atua como um artifício metafórico fluido e interpretativo, que condensa as tensões entre o desejo e a renúncia, entre o amor feminino e o domínio masculino na relação. A metáfora se concretiza discursivamente nas subjetividades da protagonista, mas também nas do marido, forjando duas

perspectivas opostas de gênero, baseadas nos distintos papéis atribuídos a ambos. Ela limita-se ao âmbito passivo e privado do lar, enquanto ele faz as escolhas ativamente e domina o espaço público.

Os múltiplos significados da torta de chocolate, que atravessam todo o conto, podem ser sintetizados no quadro 1 a seguir, que organiza seus significados literais, simbólicos e seus vínculos com os papéis sociais dos personagens:

Quadro 1- Significados da torta de chocolate no conto

Torta de chocolate	
Significado literal	Sobremesa doce e caseira, preparada com dedicação pela mulher para agradar ao marido.
Significado metafórico	Símbolo de afeto, desejo, entrega emocional e de submissão.
Papel social da mulher	Figura devotada, que expressa afeto através do cuidado culinário, assumindo a posição estereotipada da “mulher para casar”, sendo submissa e passiva nas relações afetivas.
Papel social do homem	Figura dominante que consome seletivamente o afeto oferecido, recusando envolvimento afetivo pleno e impondo limites à relação.

Fonte: Organizado pela autora, 2025.

Essa leitura esquemática reforça a complexidade da metáfora alimentar que estrutura o conto. A organização desses sentidos no quadro 1 permite visualizar com mais clareza o entrelaçamento entre o cotidiano material e os significados simbólicos que atravessam a narrativa. Desse modo, a torta de chocolate, aparentemente um elemento trivial, sintetiza os conflitos de gênero e os papéis sociais, sobretudo o feminino.

A cada visita do marido, esse jogo simbólico se intensifica, revelando camadas complexas do relacionamento entre os dois e, sobretudo, da condição da mulher dentro dessa relação. Essa dinâmica é evidenciada tanto nas atitudes do homem quanto nas reações da protagonista, e que pode ser percebida de forma contundente na metáfora da torta de chocolate:

Quando ele voltou meses depois trouxe-lhe presentes, beijou-a tanto no cabelo, de cheiro que dizia ele ser de céu, fez-lhe ver a importância da viagem, não se arrependera de ter ido pelo prazer da volta. Ela julgou gentil o esclarecimento. Correu para a cozinha, antes que ele a levasse para o quarto. Com ingredientes necessários, cuidou de atingir a perfeição. Não admitia o amor sem a torta os aguardar depois, especialmente em dia de festa (Piñon, 2022, p. 99).

No fragmento, observa-se que a torta de chocolate continua ocupando um lugar central na relação, funcionando como condição da entrega afetiva da mulher e da tentativa de preservar o ritual amoroso. A reação da protagonista diante da justificativa do marido, que relativiza a ausência com presentes e palavras sedutoras, como o elogio ao seu cheiro, demonstra sua disposição em acolher, perdoar e, principalmente, reconstruir o elo afetivo por meio do gesto de cozinhar. Correr para a cozinha antes mesmo de ser levada ao quarto revela não apenas um zelo, mas também uma tentativa de restaurar a fantasia de afeto através do alimento.

Essa ideia é corroborada ao refletir sobre a imagem simbólica da cozinha. De acordo com Barcellos (2017, p. 36) “cozinha: lugar da vida em comum, das comunhões [...] Diferente da intimidade mais protegida dos quartos e banheiros, que

são intimidades privadas, do sonho a sós, a cozinha, no nível da memória e do desejo, é o sonho da convivência transformadora”. Sob essa perspectiva, o espaço da cozinha na narrativa representa o anseio da mulher por uma relação que vá além da intimidade sexual e se construa também na convivência cotidiana, na partilha afetiva e nos rituais domésticos que conferem estabilidade e sentido ao vínculo.

Além disso, é na cozinha que a protagonista revela, de forma simbólica, seus sentimentos mais profundos, traduzindo desejos, frustrações e esperanças por meio do ato de cozinhar. Trata-se, portanto, de um espaço de expressão emocional e criativa, conforme aponta Barcellos (2017, p. 37): “a cozinha é um centro afetivo da casa, é o coração da casa. Evoca um centro criativo. Estar na cozinha é estar dentro de um coração”. Assim, o gesto de preparar a torta de chocolate transcende o cuidado material e se configura como um ritual afetivo, no qual a personagem deposita a expectativa de restaurar e fortalecer os laços emocionais fragilizados pela ausência do outro.

É justamente por desejar um vínculo mais profundo que a protagonista se empenha em alcançar a perfeição na preparação da torta. O cuidado extremo com cada detalhe, desde a escolha dos ingredientes até a intenção afetuosa que permeia o ato de cozinhar, revela o desejo de ter não apenas a presença física do marido, mas também a cumplicidade emocional que ela tanto anseia estabelecer.

Nessa perspectiva, a obsessão pela perfeição da torta simboliza seu anseio por um amor igualmente idealizado. O fato de a torta ser um elemento indispensável no ritual do reencontro reflete a forma como a protagonista condiciona o relacionamento a gestos concretos e repetitivos, como se o amor só fosse legítimo se, à semelhança do preparo e do consumo de uma torta de chocolate, pudesse ser cuidadosamente elaborado, misturado, assado, sentido e saboreado. O alimento, nesse contexto, não funciona apenas como uma metáfora da relação, mas como uma tentativa de dar forma, sabor e substância a um vínculo afetivo que, na realidade, lhe escapa.

Por esse ângulo, é possível perceber a trama complexa que se constrói em torno da subjetividade dessa mulher. Sua dedicação ao casamento e ao marido ultrapassa sua própria condição de ser, pois seus desejos e vontades estão sempre subordinadas ao homem, que detém também o controle da relação. Nesse sentido, é importante destacar que essa esfera do privado, embora frequentemente idealizada como um ambiente de cuidado e afeto, é igualmente atravessada por profundas desigualdades.

Conforme observa Biroli (2014), mesmo nesse ambiente, relações formalmente pactuadas entre sujeitos livres, como no contrato de casamento, podem resultar na submissão e na alienação da capacidade de autodeterminação dos mais vulneráveis, revelando que a desigualdade pode estar naturalizada sob a aparência de consentimento e harmonia. É nesse contexto, que a metáfora alimentar demarca a resignação da protagonista:

Já ela exaltava-se submissa. Ainda sofreu a sua ausência. O seu amor em dias difíceis agitava-se de tal modo que consultava a folhinha na esperança de que fosse dia de torta de chocolate, quando ele viria na certa. Até o fim do ano a folha registrava todos os dias de sua visita. Jamais ela sugeriu mudança de data, ou maior assiduidade. Respeitava aquele sistema (Piñon, 2022, p. 99).

Na passagem, nota-se que a mulher se conforma em esperar as visitas esporádicas do marido, destacando que em nenhum momento ela chega a contestar com mais veemência essas condições simbolicamente impostas. Observa-se que as visitas do homem são registradas em uma folha, indicando o dia de torta de chocolate, em uma clara representação metafórica de como o alimento se converte em um marcador do amor incondicional e da espera submissa da protagonista. A torta, que no início da narrativa era símbolo de afeto, prazer, sedução e entrega, nesse momento transforma-se em um ritual de aceitação da ausência e do desequilíbrio da relação conjugal.

A expectativa pelo doce sinaliza não apenas a esperança pelo encontro, mas também o reforço de uma lógica relacional em que o desejo feminino é secundarizado, sendo pautado pelo calendário afetivo estabelecido unilateralmente pelo homem. Assim, o alimento opera como linguagem simbólica da renúncia, reforçando a ideia de que o lugar da mulher é o da espera paciente, marcada por gestos mínimos de presença e atenção. Essa noção é reforçada ao final do conto, quando o marido retorna para casa com a intenção de ficar de vez ao lado da esposa:

Um dia não resistiu. Chegou disfarçado, sua última tentativa de confundir os vizinhos. Em cada mão trazia uma mala. Ela sofreu antecipada aquela longa viagem. Ajudou-o como se ele tivesse cansado, a vida exigia demais dele. Trouxe-lhe água gelada, lamentando não dispor de uma fonte no quintal, haveria de enfeitá-la de pedras, talvez uma imagem. O homem bebeu. Tirou o disfarce que jamais sofrera dela qualquer restrição. E assumindo fingida independência falou alto para que ela ouvisse.

- Terminou o tempo da provação. Desta vez eu vim para ficar. A mulher escondendo a profunda alegria olhou o homem, em seguida correu para a cozinha. Ninguém a superava nas tortas de chocolate (Piñon, 2022, p. 101).

No trecho, percebe-se que a estabilidade da convivência conjugal não se dá sob novas bases de equidade, mas reafirma a lógica de abnegação e serviço que rege a subjetividade feminina construída ao longo do conto. A mulher, mesmo diante do anúncio da permanência do marido, oculta sua alegria, recuando emocionalmente e, mais uma vez, direcionando sua energia para a cozinha, espaço simbólico de sua devoção silenciosa. A torta, nesse contexto, funciona também como metáfora da própria mulher, cujo amor se expressa por meio da oferta culinária: ela conquista o marido pela boca, sendo escolhida não por quem é, mas pelo que oferece. Enquadra-se, assim, no estereótipo da “mulher para casar”, cujo valor é medido pela capacidade de servir, renunciar e esperar.

O gesto de preparar a torta de chocolate, mencionado como uma habilidade inigualável, reforça a ideia de que sua identidade está atrelada ao cuidado e ao agrado, sendo o alimento, novamente, o meio por excelência de expressar afeto e submissão. A torta torna-se, assim, um símbolo da continuidade de uma dinâmica desigual, em que o retorno do homem é celebrado não com palavras, mas com um gesto culinário que reafirma sua posição central e o lugar da mulher como aquela que serve, acolhe e se apaga.

É a partir dessa dinâmica que se torna evidente o papel essencial da comida, especialmente a metáfora da torta de chocolate, que se configura na trama como um elemento que extrapola a mera função decorativa. Como afirma Bona (2013, p. 197) “a tal voz da comida faz uma alusão ao potencial da comida de ser um poderoso

veículo para a manifestação de identidade, de significados, de cosmovisões”. É justamente essa “voz da comida” que revela as subjetividades das personagens e permite desmascarar os discursos historicamente naturalizados na sociedade sob a noção de lugar e papéis entre homens e mulheres.

Com base nas discussões levantadas, é pertinente refletir sobre a importância da metáfora alimentar também como marcador do próprio tempo narrativo. Observa-se que o conto se estrutura em torno da presença simbólica da torta de chocolate, que aparece em três momentos-chave da narrativa: no início, no meio e no final. No começo, a torta já está pronta, à espera de ser consumida, simbolizando a fase de encantamento, sedução e prazer entre o casal.

No desenvolvimento, o preparo da torta assume um caráter ritualístico, como uma tentativa da protagonista de legitimar e manter viva a relação. Já no desfecho, o alimento ressurgiu como marcador dos encontros futuros e da submissão silenciosa da mulher, reforçando a continuidade de uma dinâmica desigual na qual o feminino é moldado pela espera, pela renúncia e pela reafirmação de um papel subjugado. Assim, a torta de chocolate, mais do que um simples elemento narrativo, traduz com precisão os diferentes estados emocionais da protagonista e o percurso afetivo do casal.

Assim, cumpre destacar a genialidade da autora Nélida Piñon ao utilizar a cena alimentar como recurso narrativo e crítico para tensionar discursos sobre as relações de gênero, os desejos femininos, a submissão e a dependência emocional. Ao eleger algo tão cotidiano quanto uma torta de chocolate como veículo simbólico, a autora mobiliza camadas profundas de sentido, capazes de desnudar estruturas sociais e afetivas que, embora silenciosas, moldam intensamente a experiência feminina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, este trabalho cumpre com o seu propósito de explorar a metáfora alimentar como recurso discursivo na composição das subjetividades no conto *Ave de Paraíso*, de Nélida Piñon, ao demonstrar como a alimentação, especialmente a torta de chocolate, transcende sua materialidade e se converte em um elemento simbólico capaz de revelar as tensões afetivas, os desejos ocultos e as desigualdades de gênero presentes na relação conjugal narrada. A análise permitiu evidenciar como a metáfora alimentar estrutura discursos sobre o feminino, associando o cuidado, a entrega e a espera ao papel socialmente atribuído à mulher, ao mesmo tempo em que denuncia, de forma sutil e crítica, os padrões afetivos marcados por assimetrias históricas. Ademais, a metáfora revelou-se uma poderosa ferramenta crítica, capaz de desvelar discursos sobre as relações de gênero e de revelar as múltiplas camadas simbólicas que conformam as experiências individuais, sobretudo as femininas.

A análise demonstrou como tais discursos de gênero estão profundamente enraizados na sociedade e operam com força, muitas vezes de maneira sutil ou imperceptível, orientando comportamentos, expectativas e formas de subjetivação. É nesse cenário que a comida deixa de ser apenas elemento temático ou decorativo e se transforma em linguagem — uma linguagem que fala, revela e denuncia, por meio de seus significados, as tensões invisíveis que estruturam o cotidiano das mulheres.

Conclui-se, assim, que a metáfora alimentar, ao transitar entre o sensível e o simbólico, o concreto e o abstrato, o privado e o público, constitui um caminho fecundo para pensar criticamente as camadas socioculturais e históricas que regem as relações de gênero e as subjetividades dos indivíduos.

Em *Ave de Paraíso*, a torta de chocolate não apenas representa o amor e desejo, mas encarna os conflitos, as expectativas e as frustrações de uma mulher que, ao cozinhar, também expressa, ainda que silenciosamente, sua condição. Nesse gesto, aparentemente trivial, reside uma crítica contundente às estruturas patriarcais e à forma como elas continuam moldando, por meio da linguagem e do afeto, as experiências do feminino.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Gustavo. **O banquete de psique**: imaginação, cultura e psicologia da alimentação. Petrópolis: Vozes, 2017.

BIROLI, Flávia. O público e o privado. In: Miguel, Luiz Felipe; BIROLI, Flávia (org.). **Feminismo e Política**. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 21-30.

BONA, Fabiano Dalla. Comer e ser comida: corpo, gastronomia e erotismo. **Revista Interfaces**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 19, p. 189-198, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/29935>. Acesso em: 5 maio 2025.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Jamille Wayne; WAYNE, Lara Steigleder. A cozinha das mulheres: de espaço de domesticação ao empoderamento a partir de saberes e fazeres culinários. **Revista Especialidades**, v. 13, n. 1, p. 1-25, 2018. Disponível em: <https://www.cchla.ufrn.br/espacialidades/v13/2018-dossie05.pdf>. Acesso em: 5 maio 2025.

Ferreira, Jamille Wayne; SILVA, Márcia Alves da; FISCHER, Maria Clara Bueno. Cozinha, espaço de saberes: pedagogias feministas decoloniais populares como forma de ressignificar o trabalho das mulheres. In: SIMON, Everton Luiz; MORETTI, Cheron Zanini; PLOIA, Hosana Hoelz *et al.* (org.). **Processos educativos e práticas sociais**: reflexões sobre alimentação, saberes e políticas. São Paulo: Paco Editorial, 2024. p. 105-138.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido**. São Paulo: CosacNaify, 2004.

MACIEL, Maria Eunice; CASTRO, Helisa Confield de. A comida boa para pensar: sobre práticas, gostos e sistemas alimentares a partir de um olhar socioantropológico. **Demetra**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 321-328, 2013.

MOURA, Heronildes; ZANOTTO, Mara Sophia. Investigando teórica e empiricamente a indeterminação da metáfora. **Gragoatá**, Niterói, n. 26, p. 9-42, 2009.

PIÑON, Nélide. Ave de Paraíso. In: SANCHES NETO, Miguel (org.). **Melhores contos Nélide Piñon**. 2 ed. São Paulo: Global, 2022, p. 97-101.

SAFFIOTI, Heleieth. Papéis sociais atribuídos às diferentes categorias de sexo. In: SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. p. 8-20.

WOORTMANN, Ellen. A comida como linguagem. **Habitus**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 5-17, 2013.

Recebido: 05/09/2025

Aceito: 09/02/2026

Publicado: 02/04/2026

COMO CITAR:

PAULA, Eduarda Alves de Oliveira; ARAGÃO, Verônica Palmira Salme de. A comida como metáfora alimentar para análise semântico-discursiva no conto Ave de paraíso, de Nélide Piñon. **Colineares**, Mossoró, Brasil, v. 11, n. 1, p. 75–90, 2026. DOI: 10.59776/2357-8203.2026.7780. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/7780>.